

Dr. August Konkell, Crônicas, Sessão 25, Futuro de Israel

© 2024 Gus Konkell e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. August Konkell em seu ensinamento sobre os livros de Crônicas. Esta é a sessão 25, Futuro de Israel.

Terminamos nossa última conversa com Josias e sua morte nas mãos dos egípcios.

Os egípcios, nesse ponto, assumem o controle e estabelecem quem vai reinar em Judá, mas o controle egípcio tem vida curta porque são os babilônios que vão subir e chegar ao poder e vão determinar o destino de Jerusalém. Isto não é uma surpresa. Jeremias, quando foi chamado, e isso teria sido, presumimos, antes da descoberta da lei no templo, foi informado por Deus que sua missão era transmitir a mensagem de desenraizar, derrubar e destruir.

Em outras palavras, havia um julgamento chegando. Mas havia outra dimensão na profecia de Jeremias, que era a de que há uma nova aliança e que há esperança. Agora, acho que Crônicas está muito de acordo com a visão de Jeremias.

Então, acho que em Crônicas o que temos não é o triste fim do reino de Judá, mas sim a questão sobre o futuro de todo Israel. O Cronista vive agora 100 anos depois destes acontecimentos – bem, 200 anos depois dos acontecimentos da queda de Jerusalém.

E aqui estão eles, uma pequena comunidade, e estão ao redor do templo. Eles não são de forma alguma um estado político ou uma nação, mas são a nação de Deus. E o Cronista os vê como sendo o reino de Deus.

Portanto, se assim são, a questão é sobre o futuro, que o Cronista não tenta descrever. Acho que ele provavelmente é um escatologista adequado nesse sentido. Não há muitos detalhes sobre o futuro, apenas sabemos que o reino de Deus virá e Deus irá restaurar a sua criação e arruiná-la da maneira que ele planejou.

E o Cronista quer que saibamos que podemos fazer parte disso. Esse é basicamente o limite das especificidades de sua escatologia. E penso que às vezes faríamos bem em limitar os nossos entendimentos e especulações sobre escatologia a algo sobre esse mesmo tipo genérico de nível.

Mas, em qualquer caso, o que o Cronista faz por nós é nos contar sobre os últimos reis de Judá. Depois de Josias, o reino de Judá continua a sobreviver como um estado vassalo subserviente. Nenhum desses reis é independente.

Todos estão pagando impostos ao Egito e, principalmente, novamente à Babilônia. E então, toda vez que resistem ou se juntam a alguma outra aliança, o resultado é que são punidos. E assim, o castigo final é o fim da nação.

O primeiro rei que temos após a morte de Josias é seu filho Jeoacaz, nomeado pelo povo da terra. Mas isso não é muito satisfatório para os egípcios. Eles não querem a nomeação de outra pessoa em Jerusalém.

Eles querem seu rei lá. Assim, os egípcios o destituem e cobram tributos, e colocam seu irmão mais novo, Eliaquim, e fazem dele um governante vassalo e, é claro, mudam seu nome. Ele governou por cerca de 11 anos e foi exilado.

E Joaquim, seu filho, foi exilado para a Babilônia. Os babilônios colocaram no trono outro filho de Josias, cujo sobrenome é Zedequias. E é sob Zedequias que temos o terrível cerco de Jerusalém pelos babilônios e o terrível fim da família de Zedequias quando eles são perseguidos pelos babilônios e mortos, todas essas coisas feitas na presença de Zedequias.

São todos os horrores da guerra. Mas para o cronista, a ênfase está na nação que foi infiel, o que significa que violou a aliança de Deus. Não é apenas outra maneira de dizer que pecaram porque o fracasso e o pecado são um tipo de coisa.

É uma falha de fé. É uma falha de confiança que é tão crítica. Os últimos reis de Judá nunca manifestaram essa confiança e vemos isso especialmente em Jeremias.

Vemos isso especialmente na forma como Jeremias foi tratado e na forma como sua vida termina com a destruição de Jerusalém e, eventualmente, com ele sendo exilado no Egito. Mas Jeremias não termina sem esperança. Da mesma forma, o Cronista quer dar-nos esperança.

Então, Jeremias, no capítulo 25, nos diz que depois de 70 anos haverá uma restauração. E Jeremias fala sobre uma nova aliança que Deus terá com o seu povo. O cronista conclui com uma teologia sobre tudo isso.

É uma teologia do sábado. O livro de Levítico, na Torá de Moisés, declarava que a terra deveria descansar a cada sétimo ano. Mas durante todo o tempo que os israelitas viveram na terra, que foi aproximadamente 490 anos, eles nunca observaram o sábado da maneira que deveriam, de acordo com as instruções de Moisés.

Assim, os 70 anos do exílio babilônico são uma espécie de declaração teológica. Deus deu à terra descanso dos israelitas por todos os anos em que a negligenciaram durante os 490 anos em que estiveram lá. Esta é a afirmação explícita do cronista, mas não a inventa.

Ele obtém isso do próprio livro de Levítico. Então, podemos contar os 70 anos de maneiras diferentes porque houve um processo de pessoas indo para o exílio e houve um processo de pessoas voltando. Então, podemos olhar esse processo desde o início das pessoas que foram para o exílio.

O primeiro deles é Daniel, e isso realmente começa por volta de 609, com a morte de Josias. Termina com o decreto de Ciro, a que o cronista se refere no final do seu livro no ano 539. Ou podemos contar os 70 anos desde a destruição do templo, que é 586, até à colocação do fundamento como o encontramos em Esdras e Neemias, que é 516.

O ponto principal é que o 70 é o número representativo para falar sobre as consequências da falha em observar e guardar a aliança de Deus. Jeremias falou sobre uma nova aliança. Quero concluir estas reflexões sobre as crônicas dizendo que esta nova aliança e sua restauração na mente do apóstolo Paulo não está de forma alguma separada daquilo que o cronista chama de todo Israel.

No livro de Romanos, uma das coisas que Paulo aborda são seus pensamentos sobre os planos de Deus para Israel, o futuro de Deus para Israel, em Romanos 9 a 11. Portanto, todo o argumento de Paulo aqui é a questão: se os gentios têm todos voltados para o evangelho, Deus se esqueceu de todo Israel? Deus se esqueceu de seu povo? Ao que a sua resposta, em suma, é: bem, talvez nunca aconteça. Eu sou um israelita.

Agora, aqui se torna a questão chave. Como definimos Israel? Falamos sobre Israel e usamos o termo como se soubéssemos o que queremos dizer, mas o fato é que, se você examinar as escrituras, o termo Israel tem muitas referências diferentes, o que poderíamos chamar. Ou seja, possui muitas entidades específicas diferentes às quais se refere.

Como sabemos, no início, Israel é apenas o homem Jacó. O cronista afirma isso porque, desde o início, diz que os filhos de Abraão foram Isaque, Esaú e Israel, e não Jacó. Então, essa é uma das referências de Israel.

Mas outra referência a Israel é o reino do norte, em oposição ao reino de Judá, no sul. Então, se você está lendo o Livro dos Reis e lê o nome Israel, você tem que saber, sim, mas Israel ali não significa Jerusalém. Significa apenas Efraim e Manassés e todos os territórios que tinham a sua capital em Samaria.

Então, essa é outra designação de Israel. Na verdade, se você começar a ler detalhadamente, começará a multiplicar as referências que Israel pode ter. Mas o cronista não descreve Israel inteiro em nenhum desses termos.

Ele o define em termos de promessa. Ele define isso em termos de etnia. E ele o define em termos daquelas pessoas através das quais Deus estabelecerá o seu reino.

Agora, é tão interessante para mim que quando Paulo usa o termo Israel em Romanos 9 a 11, ele realmente segue completamente a ideia de Israel da forma como a encontramos em Crônicas. Este é Israel. E sim, há um futuro para este Israel.

Portanto, para compreender esse futuro, precisamos compreender a natureza do evangelho. E a natureza do evangelho aqui, Paulo segue o livro de Deuteronômio. Em Deuteronômio 29, vemos como Israel fica sob a maldição da aliança por sua falta de fé e sua desobediência.

Mas no capítulo 30 de Deuteronômio, como Deus os restaura e lhe traz a sua palavra e que eles têm a sua verdade. Paulo segue esse argumento para dizer que este é o processo que está acontecendo. E ele aplica isso a Israel como ele o conhece em sua época.

Deus trará Israel para si através do evangelho. No capítulo 11, ele explica como isso vai acontecer, que os gentios não são a raiz da árvore.

Eles foram enxertados. E se pudessem ser enxertados, certamente a raiz original ainda está lá. E esse Israel e essa promessa ainda estão lá.

E assim, para Paulo, todo o Israel, e com isso ele quer dizer o Israel da fé. Ele não quer dizer um estado. Ele não se refere a alguma entidade política.

Ele não quer dizer alguma descendência genética. Como vimos em Crônicas, Israel nunca se limitou a alguma descendência genética específica. Nem a Crônica alguma vez define Israel como um estado político.

Não, pelo contrário, é um povo. É um povo. E em determinados momentos, eles têm um rei.

E em determinados momentos, eles funcionam como um estado. Mas todo o Israel é todo o povo, então, neste momento, ele ainda pode falar sobre todo o Israel como sendo o povo de fé. Aqueles que Deus redimiu.

E você sabe disso porque eles estão adorando. E eles estão adorando ao redor do templo. Acho que isso me leva ao único ponto final importante para os cristãos em Crônicas.

Como devemos manifestar o reino de Deus? Rezamos a Oração do Pai Nosso. Pai nosso que estás nos céus, que o teu nome seja santificado. Que venha o seu reino.

Que seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. E a vontade de Deus é feita na terra como no céu. Na medida em que nós, como cidadãos do seu reino, saibamos viver de acordo com o seu propósito e a sua vontade.

E qual é o propósito de Deus e sua vontade? Bem, que manifestemos a sua glória. Que nós o representamos. E como isso acontece? O Cronista é claro.

Isso acontece quando louvamos, quando louvamos coletivamente e, francamente, acontece na igreja, onde o povo de Deus se reúne.

A noção de que os cristãos não precisam de igreja é simplesmente contrária a absolutamente tudo o que existe nas Escrituras. E é certamente contrário ao conceito de pertencer ao povo de Deus tal como o vemos em Crônicas. Qual é a coisa mais importante que podemos fazer? A coisa mais importante que podemos fazer é mostrar nosso louvor.

Reunimo-nos em adoração para mostrar a nossa fé e confessar o que acreditamos sobre a vida.

Sim, isso inclui música e canto. Na verdade, sou um pregador e gosto de pensar que bons sermões estão no centro da adoração.

E é isso que atrai todos. Mas você sabe, o Cronista não gosta tanto de grandes sermões e bons sermões. Ele tem muitos deles.

Eles vêm dos profetas. Eles vêm em momentos diferentes. O sermão tem o seu lugar.

Mas não aprecie a forma como a adoração é expressa. Através da música. Através de todos esses rituais e atividades que fazemos.

Porque eles mostram a nossa fé em Deus e são o seu testemunho do seu reino. E esse reino, diz o Cronista, esse reino é nosso. Esse é o reino que está vindo.

E assim, com o Cronista, não pode haver nada além de esperança. Se somos nós que estamos nos reunindo em torno do templo de Deus. Claro, Jesus disse que ele era o templo.

O livro de Hebreus apresenta Jesus como o templo. Então, como cristãos, é claro, nos reunimos em torno de Jesus. E é assim que mostramos nossa adoração.

E Paulo diz, isso é todo Israel. Também incluirá as pessoas de quem o Cronista estava falando. Eles estão aqui.

Eles representam. E eles passarão a fazer parte desta grande redenção que Deus começou no Egito. E isso Jesus disse foi cumprido em sua obra na cruz.

E demonstrou isso tomando os sinais da redenção. A pascoa. O pão e o vinho.

E dizendo, isso agora me representa como o templo. Meu corpo. A nova aliança.

Esta será a redenção do plano de Deus para o seu mundo. Para todos nós e para todo Israel. Essa é a opinião do Cronista.

Este é o Dr. August Konkel em seu ensinamento sobre os livros de Crônicas. Esta é a sessão 25, Futuro de Israel.